

As três armadilhas da tentação de Jesus

Raimundo Barreto
Garanhuns, PE, outubro de 2025

Na narrativa da tentação de Jesus no deserto, pelo diabo, nos é apresentado alguns símbolos que precisamos identificar seus significados: **o diabo, o deserto, a montanha, o templo e o pão**. Marcos não dá nenhuma informação sobre a tentação de Jesus, mas Mateus e Lucas (ambos no capítulo 4 dos seus Evangelhos) concordam que Jesus lutou com três armadilhas simbolizadas pelo **PÃO, a MONTANHA e o TEMPLO**. Estes símbolos formaram as pernas da cadeira sobre a qual Jesus poderia ter se assentado como poderoso Messias político.

A tríplice tentação de Jesus (**Mateus 4:1–11; Lucas 4:1–13**), descreve o confronto entre dois reinos - o de Deus e o de Satanás. Essa estrutura revela que cada tentação representa uma área de domínio que Satanás tenta corromper, mas que Jesus redime ao reafirmar os princípios do Reino de Deus.

O PRINCÍPIO DO COMBATE REPRESENTATIVO

O confronto entre Davi e Golias segue o antigo princípio do **combate representativo**, quando um guerreiro era escolhido como representante de seu povo para determinar o destino de dois exércitos: *"E parou, e clamou às companhias de Israel, e disse-lhes: Para que saireis a ordenar a batalha? Não sou eu filisteu, e vós servos de Saul? Escolhei dentre vós um homem que desça a mim. Se ele puder pelejar comigo e me ferir, seremos vossos servos; porém, se eu o vencer e o ferir, então sereis nossos servos e nos servireis."* (**1 Samuel 17:8, 9** - ARA). Aqui Golias institui a lógica representativa do combate, em que um guerreiro decide o destino de todo o povo. Nesse modelo, **a vitória de um representava a vitória de todos, e a derrota de um significava a derrota de todos**.

Assim como Davi enfrentou Golias como intermediário de Israel, Jesus Cristo enfrentou Satanás como nosso representante divino. Em Sua tentação no deserto e na cruz, Cristo venceu o inimigo em nome de toda a humanidade redimida, assegurando a vitória final sobre o pecado e a morte: *"E, despojando os principados e as potestades, publicamente os expôs ao desprezo, triunfando deles na cruz"* (**Colossenses 2:15** - ARA). Por isso, podemos declarar com Paulo: **"Em todas estas coisas somos mais que vencedores por meio daquele que nos amou"** (**Romanos 8:37**). Essa é a base da nossa fé - a vitória de Jesus Cristo é a nossa vitória. Vemos em **1 Samuel 17:45–47** que Davi declara que lutou *"em nome do Senhor dos Exércitos"*, reconhecendo que a vitória pertence a Deus, e não à força humana. Assim também Jesus venceu o diabo no deserto, citando as Escrituras.

1. A TENTAÇÃO DAS PEDRAS EM PÃO O CONFRONTO DAS NECESSIDADES E DO PODER ECONÔMICO

Na primeira tentação, o diabo o instiga: "*Se és Filho de Deus, manda que estas pedras se transformem em pães.*" Essa proposta não era apenas sobre fome física, mas uma tentação à autossuficiência e ao uso do poder divino para satisfazer desejos imediatos. Jesus responde com **Deuteronômio 8:3**: "*Nem só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus*". Tempos depois, Ele se revela como "o verdadeiro pão que desceu do céu" (**João 6:35**). Assim, recusa o domínio sobre o mundo da fome e da matéria e transforma o sentido de saciar-se, apresentando a Palavra como sustento superior.

O diabo sugere que Jesus transforme pedras em pão para saciar Sua fome. Esta armadilha do diabo se relaciona com o desejo de resolver as necessidades materiais de forma milagrosa e imediata. Vai além da simples alimentação: **é a tentação de usar o poder para adquirir RIQUEZA, segurança e influência ECONÔMICA**. Jesus recusa o caminho da satisfação material como base para Seu reinado, mostrando que o Reino de Deus não se fundamenta em prosperidade econômica ou consumo, mas em confiança e dependência de Deus e de priorizar o Reino.

2. A TENTAÇÃO NO PINÁCULO DO TEMPLO O CONFRONTO DA FALSA INFLUÊNCIA RELIGIOSA

A segunda tentação ocorre no pináculo do templo, que simboliza o ápice da **RELIGIÃO** e da visibilidade espiritual. O diabo tenta Jesus a "lançar-se abaixo" para provar Sua identidade divina, usando até mesmo as Escrituras de modo distorcido (**Salmo 91:11, 12**). Essa tentativa representa a manipulação religiosa e o uso do poder espiritual para **exibição**, não para obediência.

Jesus responde: "*Também está escrito: Não tentarás o Senhor teu Deus.*" Assim, nega a lógica do espetáculo e anuncia que o verdadeiro sinal de Sua autoridade seria a destruição e ressurreição do "templo" do Seu corpo (**João 2:19–21**). Desse modo, Ele aponta para uma **Nova Ordem Sacerdotal**, onde o centro da adoração não é o templo físico, mas Ele mesmo como mediador e sacrifício vivo. Semelhante afirmação foi proferida por Jesus no diálogo com a mulher samaritana: "*Mulher, podes crer-me que a hora vem, quando nem neste monte, nem em Jerusalém adorareis o Pai... Mas vem a hora e já chegou, em que os verdadeiros adoradores adoração ao Pai em espírito e em verdade; porque são estes que o Pai procura para seus adoradores*" (**João 4:21, 23**).

3. A TENTAÇÃO NO MONTE O CONFRONTO ENTRE REINOS E GOVERNOS

Quando o diabo leva Jesus a um "**monte muito alto**" (**Mateus 4:8**) e lhe mostra "*todos os reinos do mundo e a sua glória*", oferecendo-os em troca de adoração, temos um confronto direto entre o Reino de Deus e os reinos humanos corrompidos. Na Bíblia, montes simbolizam governo, autoridade e encontro divino (**Isaías 2:2; Salmo 48:1–2; Daniel 2:35, 44**). "*Mas, nos últimos dias, acontecerá que o monte da Casa do Senhor será estabelecido no cimo dos montes e se elevará sobre os outeiros, e para ele afluirão os povos*" (**Miquéias 4:1, 2**).

Jesus rejeita o atalho **POLÍTICO** proposto por Satanás - glória sem cruz - e, em vez de tomar posse dos reinos pela adoração ao inimigo. Mais tarde sobe outro monte, o das Bem-Aventuranças (**Mateus 5-7**), para proclamar os princípios do Seu Reino: justiça, misericórdia e pureza de coração. Essa contraposição mostra que o Reino de Deus não se estabelece pela dominação, mas pela humildade, obediência ao Pai, cruz e ressurreição (**Filipenses 2:5-11**).

O texto de **Mateus 4:8** (e seu paralelo em **Lucas 4:5-7**) indica que, até aquele momento, o diabo exercia certo domínio real, ainda que limitado e temporário, sobre os reinos do mundo. Quando Satanás diz a Jesus: "***Dar-te-ei toda esta autoridade e a glória destes reinos, se prostrado me adorares***", ele reivindica autoridade sobre "*os reinos do mundo e a glória deles*", afirmando: "*porque a mim me foi entregue, e dou a quem eu quiser*" (**Lucas 4:6**). Essa declaração é confirmada por outras passagens bíblicas que o chamam de "*príncipe deste mundo*" (**João 12:31; 14:30; 16:11**) e "*o deus deste século*" (**2 Coríntios 4:4**).

Note que Jesus não contestou a afirmação do diabo (Satanás), o que implica que essa influência global era, de fato, uma realidade espiritual. Contudo, Jesus rejeitou a oferta, pois sabia que receber poder fora da vontade do Pai seria corromper Sua natureza e missão messiânica. Seu Reino não se conquistaria por meio de atalho ou adoração ilícita, mas pela obediência absoluta ao Pai. Posteriormente, após Sua morte e ressurreição, toda autoridade no céu e na terra foi dada a Jesus, o Cordeiro vencedor, e Ele, agora, nos delega esta autoridade para colonizarmos o Reino em toda a Terra (**Mateus 28:18-20**).

Em **Gênesis 1:26-28**, Deus confiou ao homem o domínio sobre a Terra - "*domine sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todo o animal que se move sobre a terra.*" Porém, ao pecar, Adão cedeu essa autoridade ao inimigo, introduzindo o pecado, a morte e a sujeição da criação à corrupção: "*Porque a criação ficou sujeita à vaidade, não por sua vontade, mas por causa daquele que a sujeitou, na esperança de que também a própria criação será libertada do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus.*" (**Romanos 8:20, 21**).

O episódio da tríplice tentação de Jesus revela que o diabo (Satanás) exercia, naquele tempo, considerável autoridade e controle sobre os **sistemas e governos do mundo**, oferecendo-os a Jesus em troca de adoração. Convém lembrar que a autoridade do diabo era apenas usurpada e nunca uma soberania legítima concedida por Deus. Essa autoridade está em processo de ser totalmente transferida para os Filhos de Deus pela vitória de Cristo, que é o verdadeiro "*Rei dos reis e Senhor dos senhores*" (**Apocalipse 19:16**).

*A tentação conecta três grandes áreas de influência sobre a sociedade e o ser humano: **o econômico (pão), o político (montanha) e religioso (templo).***

O CONTROLE SATÂNICO DO SISTEMA DO MUNDO

O domínio do diabo se expressa através de pessoas que influenciam estruturas e sistemas da sociedade. A Bíblia descreve Satanás como o "*deus deste século*¹" (**2 Coríntios 4:4**), o "*príncipe deste mundo*" (**João 12:31**) e o "*príncipe das potestades do ar*²" (**Efésios 2:2**), títulos que indicam seu poder de influência sobre valores, ideologias e instituições humanas. Esses textos revelam que o "*mundo*" (no sentido joanino) se refere ao **Sistema humano afastado de Deus**, permeado pelo pecado e sujeito à manipulação espiritual do maligno. Essa influência alcança diversas dimensões da vida coletiva - como governo, economia, cultura (artes e entretenimento), educação, mídia (incluindo jornalismo e comunicação) e religião - na medida em que pessoas e sistemas rejeitam o senhorio de Cristo.

Assim, a expressão "**o mundo³ jaz no maligno**" (**1 João 5:19**) reflete à ação demoníaca estruturada em diferentes esferas da sociedade. O apóstolo Paulo afirma que "*as nossas lutas não são contra carne e sangue, mas contra os principados, potestades e dominadores deste mundo tenebroso*" (**Efésios 6:12**), o que reforça a ideia de uma hierarquia espiritual atuando por meio das instituições humanas que dominam o mundo - o chamado **Sistema** ou **The Establishment**⁴. Portanto, o diabo e seus agentes (demônios e seres humanos ímpios) exercem domínio sobre áreas como política, religião e economia, contanto que se reconheça que esse domínio é temporário, limitado e subordinado à soberania de Deus (**ver Colossenses 1:13; Jó 1:12**). João também declarou que o "*espírito do anticristo*" já estava em ação em sua própria geração e continuaria a manifestar-se ao longo da história até o fim dos tempos (veja o apêndice: "**O espírito do anticristo**").

As instituições sociais clássicas - política, religião e economia - são como estruturas que moldam e condicionam o comportamento humano e a organização da sociedade. Na perspectiva sociológica clássica, as instituições política, religião e economia formam um **TRIPÉ ESTRUTURAL DA SOCIEDADE**, atuando como principais mecanismos de

¹ O termo **aión** significa literalmente "**era**", "**idade**" ou "**período de tempo**", e por extensão pode referir-se ao sistema mundano atual, ao curso deste mundo ou à estrutura temporal sob influência do mal. No versículo, Paulo usa a expressão *ὁ θεὸς τοῦ αἰῶνος τούτου* (*ho theos tou aiónos toutou*), que significa "**o deus desta era**" - uma referência a Satanás, que exerce influência sobre o presente sistema mundial, cegando o entendimento dos incrédulos.

² Alguns intérpretes entendem a palavra grega *ἀήρ* (*aér*, "**ar**") de forma simbólica, vendo-a como uma "atmosfera espiritual ou mental", ou seja, o ambiente invisível de ideias, valores e pensamentos que permeia o mundo e influencia o comportamento humano. Satanás age corrompendo a mente e influenciando os pensamentos das pessoas (2 Coríntios 11:3; Atos 5:3).

³ A palavra "**mundo**" (*kosmos*, no original grego) não se refere à criação física, nem à totalidade das pessoas, mas ao **sistema humano organizado em oposição a Deus** - um conjunto de valores, estruturas e práticas corrompidas pelo pecado e sob influência espiritual do diabo. O "**mundo**" é, portanto, a ordem moral e espiritual afastada do Criador, sustentada por princípios de orgulho, egoísmo e rebeldia. Esse sistema inclui as culturas, os governos e as instituições humanas que funcionam independentemente de Deus e frequentemente se opõem à Sua vontade (**Romanos 12:2; Tiago 4:4; João 15:19**).

⁴ O termo "**Sistema**" ou "**The Establishment**" refere-se ao conjunto de grupos e instituições que controlam o poder político, econômico, religioso, cultural e midiático de uma sociedade, determinando seus rumos e influenciando suas decisões de forma concentrada e, muitas vezes, disfarçada. Em termos práticos, o Establishment representa a "elite do poder", expressão popularizada pelo sociólogo C. Wright Mills, que descrevia a aliança entre governos, grandes corporações, bancos, forças armadas e mídia. Esses setores atuam de maneira coordenada para preservar seus interesses e manter o status quo, garantindo que o sistema social, político e econômico continue sob seu domínio.

organização e controle social. Essas três esferas, embora distintas, estão profundamente interligadas e moldam tanto os valores coletivos quanto os comportamentos individuais.

- **Política:** exerce o controle formal por meio de leis, poder e coerção. É responsável por garantir a ordem e a autoridade, definindo o que é permitido ou proibido dentro de uma comunidade. Podemos ver um exemplo clássico do poder político influenciando a vida dos filhos de Deus durante o período da restauração narrado em **Esdras e Neemias**. Naquele tempo o poder político foi usado tanto a favor quanto contra o povo de Deus, em um movimento histórico que uniu oposição e favor divinos de modo notável.
 - Após o decreto de **Ciro**⁵, rei da Pérsia, os judeus receberam autorização oficial para voltar e reconstruir o templo de Jerusalém. Deus moveu o coração do rei para cumprir Suas promessas, permitindo que Zorobabel e Jesua liderassem o povo na reedificação do altar e na restauração do culto (**Esdras 1-3**). No entanto, surgiram **fortes resistências políticas e legais**: povos vizinhos enviaram denúncias e cartas aos reis Assuero e Artaxerxes, resultando em leis e decretos que suspenderam as obras por cerca de vinte anos (**Esdras 4:17-24**).
 - Mais tarde, no reinado de **Dario I**, o antigo decreto de **Ciro** foi redescoberto nos arquivos reais, e **um novo edito imperial reautorizou a reconstrução**, inclusive com financiamento do tesouro persa (**Esdras 6:1-12**). Assim, o templo foi concluído, demonstrando que a soberania de Deus prevalece mesmo sobre os decretos humanos.
 - Algumas décadas depois, **Neemias**, servo do rei Artaxerxes I, obteve cartas de autorização e recursos para reconstruir os muros da cidade (**Neemias 2:7-9**). Apesar do apoio político, ele enfrentou ameaças e conspirações locais, lideradas por **Sambalate** e **Tobias**, que tentaram impedir a obra por meios civis e militares. Mesmo assim, os muros foram terminados em apenas 52 dias, sob oração, vigilância e coragem (**Neemias 4-6**).
- **Religião:** funciona como uma forma simbólica e moral de controle social, promovendo coesão e conformidade através de crenças e códigos éticos. Tanto **Durkheim** quanto **Weber**, dois dos principais fundadores da Sociologia moderna, viam a religião como fundamental para a estabilidade social, enquanto **Karl Marx** - criador da teoria conhecida como **marxismo**, que influenciou profundamente a política, a economia e as ciências sociais através do **comunismo**, que é a aplicação prática das ideias de Marx - a entendia como instrumento de dominação ideológica.
- **Economia:** condiciona o comportamento social ao oferecer as bases materiais da vida coletiva e produzir desigualdades estruturais que afetam as relações de poder. Ela interage diretamente com a política e a religião, influenciando os modos de produção e consumo.

⁵ A Bíblia apresenta **Ciro**, rei da Pérsia, como um instrumento escolhido por Deus para cumprir Seus propósitos, chegando a ser chamado de "meu ungido" (hebraico *mashiach*, o mesmo termo usado para "messias") em **Isaías 45:1**.

Essas três instituições formam, portanto, as chaves do controle social porque: (1) Regulam o comportamento humano - a política pelo poder, a religião pela moral, e a economia pela necessidade. (2) Moldam os valores e crenças dominantes. (3) Sustentam o equilíbrio e a coesão do corpo social, garantindo sua reprodução ao longo do tempo. Assim, **política, religião e economia** constituem o tripé essencial da estrutura social, cada uma exercendo um tipo específico de poder - coercitivo, moral e material - que, em conjunto, garante o controle e a estabilidade da sociedade.

O REINO DE DEUS CONFRONTA OS SISTEMAS DE GOVERNO DO MUNDO

A visão da pedra que esmaga a grande estátua, como narrado em **Daniel 2:31-45**, é uma das imagens mais poderosas do Antigo Testamento acerca do confronto entre o Reino de Deus e os sistemas de governo humano - que, segundo a revelação bíblica, estão sob influência do maligno.

A **estátua** representa reinos mundiais: Daniel interpreta que cada parte da estátua corresponde a grandes impérios históricos (Babilônia, Medo-Pérsia, Grécia, Roma), que se sucedem no domínio sobre a terra (**Daniel 2:36-43**). A **pedra** cortada sem auxílio de mãos humanas: Esta pedra, que "esmaga" a estátua e torna-se um grande monte que enche toda a terra, é o símbolo claro do Reino de Deus, instaurado por iniciativa divina e não humana (**Daniel 2:34-35, 44, 45**). *"Mas, nos dias desses reis, o Deus do céu levantará um reino que não será jamais destruído; e esse reino não passará a outro povo; esmiuçará e consumirá todos esses reinos, mas ele mesmo subsistirá para sempre"* (**Daniel 2:44**).

O texto mostra que os reinos humanos possuem limite, temporariedade e fragilidade diante do Reino de Deus. A "pedra" não apenas substitui, mas dissolve totalmente os sistemas deste mundo, mostrando que todo poder humano é transitório, enquanto o domínio de Cristo é eterno (**Salmo 2:8, 9; Apocalipse 11:15**). O próprio Jesus retoma essa simbologia ao se apresentar como a *"pedra rejeitada pelos construtores"* (**Mateus 21:42-44**), que causa queda a quem não aceita o Seu senhorio.

A visão da pedra esmagando a estátua ilustra o triunfo absoluto do Reino de Deus sobre todos os sistemas políticos, ideológicos e espirituais contrários. Mostra que todo poder que não provém de Deus é julgado e removido por Ele, e que Jesus é o Rei supremo que reinará para sempre sobre todas as nações e sobre toda a criação (**Daniel 2:44, 45; Apocalipse 19:15, 16**).

O **Reino de Deus** anunciado por Jesus confronta e redefine os padrões institucionais de Seu tempo, apresentando um modelo radicalmente novo de sociedade. Na Palestina do primeiro século, o poder político se sustentava pela dominação e pela força militar; a religião institucionalizada controlava o acesso ao templo e determinava quem era considerado "puro" ou "pecador"; e a economia reforçava desigualdades, valorizando o acúmulo de riquezas nas mãos de uma elite burocrática. Em contraste, o Reino proclamado por Jesus propunha justiça, inclusão e libertação, subvertendo as estruturas de exclusão ao colocar o ser humano - e não o poder - no centro da vida social e espiritual.

Jesus desafia esses sistemas ao recusar as tentações que simbolizam cada uma dessas áreas: não usa o modelo político humano para governar, rejeita transformar a prática religiosa em espetáculo ou meio de manipulação, e recusa submeter o Reino às demandas da

riqueza e do pão. O Reino é relacional, dinâmico, coletivo e propõe uma ordem onde os valores mais altos do mundo são invertidos - poder cede lugar ao serviço, exclusão à acolhida, acúmulo ao compartilhar. A mentalidade do Reino de Deus rompe as barreiras das instituições humanas, não se sujeitando aos seus limites, e chama seus cidadãos para uma nova identidade, lealdade e ética social que estão “de cabeça para baixo” em relação aos padrões estabelecidos.

As tentações enfrentadas por Jesus oferecem verdadeiros desvios sociais. A tentação tripla prometia satisfazer a esperança dos judeus de um Messias que desafiaria os opressores políticos, alimentaria os pobres e desfrutaria de milagrosa aprovação do alto. Cada uma dessas instituições - ou esferas de influência - tem sido alvo de corrupção espiritual e moral, sujeita à ação de forças malignas que operam por meio de engano, idolatria e poder. Entretanto, os cristãos são chamados a restaurar essas áreas sob o senhorio de Cristo, manifestando nelas os valores e princípios do Reino de Deus.

O Reino de Deus deve manifestar-se na sociedade por meio da influência transformadora dos filhos do Reino - o “sal da terra” e a “luz do mundo” - que refletem a justiça e a verdade de Cristo em todas as áreas da vida. **Por isso, é essencial discernirmos como as instituições têm sido dominadas pelas forças do maligno, a fim de impactá-las com o “fermento do Reino”, que renova e transforma tudo a partir de dentro.**

A TENTAÇÃO DA MONTANHA: PODER POLÍTICO

De acordo com **Mateus 4:8**, o cenário para a tentação política era “*um monte muito alto*”, onde “*todos os reinos do mundo e seu esplendor*” foram oferecidos a Jesus pelo diabo. Essa era a chance de Jesus para ser o novo Alexandre, O Grande, Sua oportunidade de exercer poder político sobre todo o vasto mundo. Outra vez Israel seria supremo, uma luz e um poder para todas as nações. A vingança de Deus viria sobre os impérios do Oriente Médio. O eixo de autoridade e influência mundiais mudaria de Roma para Jerusalém.

Do alto daquela montanha Jesus podia ver a Si mesmo exercendo extraordinário poder político e de governo. Ele não apenas governaria, Seu trono se assentaria sobre o cume mais alto de poder, e as multidões cantariam Sua aclamação. Essa opção contrasta totalmente como o papel de servo humilde. Por que ela era sedutora? Por que Jesus deveria se preocupar com a ocupação romana?

Aqui temos uma armadilha mais sutil: a de estabelecer o Reino de Deus pelos caminhos do poder, da força política ou da dominação. Jesus rejeita governar pelo modelo dos grandes impérios mundiais - através de força, violência ou poder imperialista. Seu reinado é de serviço, humildade e entrega, passando obrigatoriamente pela cruz e não pelo trono político.

Nas passagens de **Mateus 20:25-28** e **Lucas 22:25-27**, Jesus afirma que entre o povo de Deus deve prevalecer o serviço mútuo. “*Mas Jesus lhes disse: Os reis dos povos dominam sobre eles, e os que exercem autoridade são chamados benfeitores. Mas vós não sois assim; pelo contrário, o maior entre vós seja como o menor; e aquele que dirige seja como o que serve. Pois qual é maior: quem está à mesa ou quem serve? Porventura, não é quem está à mesa? Pois, no meio de vós, eu sou como quem serve*” (**Lucas 22:25-27**). Jesus

contrasta o modelo de liderança dos reis gentios, que praticam o domínio autoritário, com o princípio do Reino de Deus, que é o serviço humilde.

Na cultura da época - e ainda hoje - os reis e governantes eram vistos como figuras de autoridade absoluta, exercendo poder sobre os outros. Jesus, porém, redefine completamente o conceito de grandeza e liderança, apresentando um caminho oposto: o da humildade e do serviço. O próprio Jesus ensina em outro momento: "*Pois nem mesmo o Filho do Homem veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos*" (**Marcos 10:45**).

Naquela alta montanha Jesus rejeitou a força bruta como modo apropriado de governar os outros. As regras do poder político sancionavam a força bruta, a violência e o derramamento de sangue. Jesus rejeitou essa instituição humana de poder político coercitivo, que impõe sua vontade sobre os indivíduos ou grupos, utilizando a força, a pressão ou a ameaça de sanção para garantir obediência e manter a ordem social. Ele escolheu demonstrar um novo poder, um novo modo de governo. Ele Se recusou a jogar o jogo pelas regras antigas. Porém, ao final, Seu jeito de manifestar o Reino de Deus assustava os antigos reinos que Ele foi crucificado como "Rei dos judeus".

Ele rejeita essa oferta da montanha do diabo e escolhe reinar pela "montanha de Deus" - simbolicamente, o caminho da obediência, serviço, humildade e sacrifício, não pelo atalho do poder terreno ou da dominação política. Na doutrina do Reino, esse gesto é chave: Jesus não escolhe os métodos humanos para governar, não se rende aos padrões políticos do mundo, mas opta pela "montanha" dos valores divinos. A verdadeira montanha de Deus é onde ocorre a revelação, o relacionamento, o serviço e a entrega - como visto no Sermão do Monte, na transfiguração e, finalmente, no sacrifício do Calvário. Assim, Jesus inaugura um Reino invertido: não sobe para dominar do topo da montanha da glória terrena, mas desce ao serviço e à cruz, e dessa montanha divina chama todos a seguirem o mesmo caminho de entrega e redenção.

Jesus, no Sermão do Monte, proclama: "*Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra*" (**Mateus 5:5**). Nesse contexto, Jesus contrapõe a arrogância e o desejo de poder deste mundo à mansidão e humildade que caracterizam os cidadãos do Reino de Deus. Na mentalidade do Reino, a força não está na imposição, mas na submissão à vontade de Deus. Os orgulhosos - aqueles que confiam em si mesmos, buscam domínio e exaltação - não têm lugar no Reino, pois se opõem à natureza de Cristo. Já os mansos, descritos como os que confiam em Deus, são pacientes, dóceis ao Espírito e prontos a servir, receberão herança duradoura: a "Terra" - símbolo da plenitude e da justiça restaurada que o Reino trará. Jesus é o modelo supremo de mansidão: Ele, sendo o Senhor de tudo, escolheu servir; sendo Rei, preferiu a cruz ao trono terreno.

A **mansidão**, portanto, não é sinal de fraqueza, mas sim de força disciplinada e direcionada - poder plenamente controlado e colocado a serviço do bem; é uma disposição interior capaz de vencer o orgulho e refletir, com humildade e firmeza, o caráter do próprio Cristo. Por isso, no Reino de Deus, os mansos herdarão o que os poderosos deste mundo jamais poderão conquistar. Os humildes (ou humilhados diante de Deus) serão exaltados, enquanto os arrogantes serão abatidos: **Mateus 23:12; Lucas 14:11; Tiago 4:6, 10; 1 Pedro 5:5, 6; Isaías 2:11, 17 e Provérbios 29:23**.

A TENTAÇÃO DO TEMPLO: RELIGIÃO E PRESTÍGIO ESPIRITUAL

Aqui, o diabo leva Jesus ao topo do Templo e o convida a se lançar, esperando que Deus o salve espetacularmente diante de todos. Esta tentação é a sedução da religião como espetáculo e autopromoção, o uso da fé para conquista de prestígio, poder e aceitação pública. Jesus não cede à tentação de manipular a religião para garantir Seu status ou provar Sua identidade. Ele rejeita a espetacularização dos sinais e a institucionalização da fé como fim em si mesma.

A relação entre a profecia de **Malaquias 3:1** e a tentação de Jesus no templo é principalmente simbólica. Em Malaquias, está previsto que o Messias “*virá ao seu templo*”, revelando-se diretamente no centro espiritual do povo judeu, local de adoração, autoridade religiosa e expectativa messiânica. Na tentação do templo, o diabo leva Jesus ao ponto mais alto do templo, propondo que Ele se jogue dali para que seja milagrosamente salvo por Deus, e assim se manifeste espetacularmente como Messias perante o povo. O propósito oculto dessa tentação é que Jesus prove Sua identidade messiânica através de um sinal religioso extraordinário no próprio templo - justamente o lugar esperado pela profecia de Malaquias como palco revelador do Messias.

Porém, Jesus rejeita mais esta armadilha do diabo, recusando transformar Sua missão messiânica em espetáculo sensacionalista ou em busca de reconhecimento pela via religiosa institucional. Ele não cumpre a profecia de Malaquias pelo caminho da ostentação milagrosa ou autolegitimação religiosa, mas sim pelo caminho da obediência, humildade e entrega. Em vez de forçar Deus a agir com um milagre para autenticar Sua posição no templo, Jesus cumpre Sua missão no templo de modo diferente: ensinando, purificando e oferecendo Sua vida - revelando o verdadeiro caráter do Messias, como anunciado por Malaquias, mas sem ceder à armadilha da tentação do **show religioso**.

Jesus não quis abraçar a religião institucionalizada. Uma aparição milagrosa, um súbito vindo do céu, certamente convenceria mesmo os saduceus mais céticos da autoridade divina de Jesus. Por isso o diabo ofereceu a Jesus uma opção atraente: por que não certificar milagrosamente Sua missão? Isso eliminaria qualquer perseguição por parte dos líderes religiosos. Uma bênção divina milagrosa perto do templo sagrado apagaria qualquer dúvida sobre a autoridade messiânica de Jesus. As massas rapidamente O seguiriam se os escribas e sábios acolhessem o recém-chegado. Cair de paraquedas no pátio do templo tornaria Jesus um messias instantâneo.

Jesus rejeitou a tentação da exibição espetacular. Ele preferia “**o segredo messiânico**” – o papel do Salvador e Servo sofredor, enfatizado no Evangelho de Marcos. Ao longo de Seu ministério, Ele demorou a revelar Sua identidade. Ele falou em enigmas e parábolas. Ele proibiu as pessoas que Ele curou miraculosamente, ou de quem expulsou demônios, de revelarem quem Ele era. Este não era um Messias arrogante, que tocava trombetas. Ele não era nenhum mágico que executava sinais especiais para que as multidões batessem palmas. Sua própria vida era o sinal. Cuidado com os perdidos, compaixão pelos pobres e amor até mesmo pelos inimigos. Estes eram os sinais messiânicos. **Os novos heróis do Seu Reino eram os desprezados da religião institucional**, como Lucas enfatiza no Seu Evangelho.

A TENTAÇÃO DO PÃO: ECONOMIA E RIQUEZA

Como já havíamos comentado antes, o diabo sugere que Jesus transforme pedras em pão para saciar Sua fome. Esta armadilha do diabo se relaciona com o desejo de resolver as necessidades materiais de forma milagrosa e imediata. Vai além da simples alimentação: **é a tentação de usar o poder para adquirir riqueza, segurança e influência econômica**. Jesus recusa o caminho da satisfação material como base para Seu reinado, mostrando que o Reino de Deus não se fundamenta em prosperidade econômica ou consumo, mas em confiança e dependência de Deus e de priorizar o Reino.

O pão, na cultura bíblica e no imaginário das Escrituras, carrega um forte simbolismo como essência da vida material. É mais do que alimento; é sinônimo de subsistência, provisão, estabilidade e conforto cotidiano. Nas aldeias da Judeia, o pão era literalmente o centro da refeição, sustentando famílias refeição após refeição, expressando o que havia de mais fundamental para a sobrevivência humana.

Ao ensinar os discípulos a orar: *"O pão nosso de cada dia dá-nos hoje"*, Jesus está abrangendo não apenas as necessidades físicas essenciais à existência, mas também demonstrando a necessidade constante de dependência, humildade e confiança no cuidado providencial do Pai - reconhecendo que toda provisão para a vida, em cada novo dia, vem de Deus. O pão assume, então, o sentido do que é indispensável à dignidade da vida, às necessidades básicas de cada pessoa. É a resposta ao anseio fundamental do ser humano por alimento, segurança e cuidado.

Na tentação do deserto, o diabo propõe a Jesus um atalho: se você é verdadeiramente o Filho de Deus, transforme estas pedras em pão! Aqui, o pão se revela como símbolo de uma expectativa messiânica muito presente à época - um Messias que resolvesse os problemas materiais do povo, que fosse um **"rei do bem-estar"**, capaz de eliminar a fome, prover milagrosamente todas as necessidades e usar o poder divino para instaurar uma espécie de paraíso econômico imediato.

Contudo, Jesus rejeita essa proposta. Ele reconhece que o pão é necessário, mas recusa reduzir Sua missão a um projeto meramente materialista. Ao resistir à tentação de ser um **"provedor mágico"**, Ele desmonta a noção de um Reino baseado apenas na satisfação das necessidades físicas e no consumo. Seu Reino não opera à base do pão que perece, mas do pão que desce do céu, da Palavra de Deus e da comunhão com o Pai. Jesus ensina que a vida verdadeira não se resume ao acúmulo de bens ou à conquista de segurança material, mas sim à confiança, contentamento e dependência de Deus.

Em Sua postura, Cristo revoluciona o conceito de liderança e missão: **Ele se recusa a manipular as massas por meio da fome ou da promessa de prosperidade fácil**. Comida de graça certamente traria uma onda de apoio público. "Alimente-os, Jesus, alimente-os", o tentador sussurra: "Você tem o poder. Vá em frente. Asse o pão". O pão era o caminho mais rápido para o coração da multidão. Porém, Jesus prefere conduzir o povo ao deserto da dependência e da fé, lembrando que *"nem só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus"* (**Mateus 4:4**). Ao vencer essa tentação, Jesus inaugura um Reino que prioriza o ser sobre o ter, o relacionamento sobre a posse, a obediência sobre a satisfação imediata - uma mensagem que, até hoje, desafia tanto pessoas quanto sociedades.

TRÊS PODERES ENTRELAÇADOS

Jesus desafiou as três principais instituições sociais: política, religiosa e econômica; e, como muitas vezes acontece, **as três estavam entrelaçadas**. Os ricos aristocratas – os principais sacerdotes e os saduceus de Jerusalém – possuíam grandes propriedades na Galileia, que exploravam o trabalho dos pequenos fazendeiros. Esta elite governante também controlava o poderoso tribunal supremo judeu - o **Sinédrrio**. Este tribunal, por sua vez, supervisionava o ritual do templo e os regulamentos religiosos. Na verdade, esta mesma **elite religiosa, política e econômica** de Jerusalém estava em conluio com os romanos. Os ricos aceitavam a ocupação romana porque os protegiam dos bandidos e apoiava o sistema que alimentava suas riquezas.

Esta elite **judaica governante** comemorou quando os romanos acabaram com os zelosos que lutavam por liberdade. Os líderes religiosos provavelmente faziam parte da multidão que gritava: “Crucifica-O, crucifica-O”. Eles também consideravam Jesus mais perigoso do que o líder rebelde Barrabás. Um bandido solitário poderia ser pego de novo e morto. Porém um novo ensinamento, um novo modo de vida, que derrubou os padrões políticos, religiosos e econômicos, era simplesmente muito perigoso para os poderes governamentais de Jerusalém.

Assim, a montanha, o templo e o pão simbolizam as três instituições sociais com as quais Jesus lutou e venceu no deserto. As tentações o convidavam a afirmar políticas corruptas, religião vazia e economia injusta. Ele estava lutando com as grandes questões do Seu tempo. Se, de fato, a visão de Jesus oferecia novas formas de viver para o povo de Deus, faz pouco sentido ver as tentações como meros atrativos pessoais. Este entendimento das tentações nos permite apreciar a angústia de Jesus enquanto lutava com as poderosas forças da política, da religião e da riqueza. Também nos lembra de que, em Jesus, Deus estava introduzindo um novo Reino baseado em uma nova fonte de poder, um novo templo e um novo tipo de pão.

APÊNDICE

O ESPÍRITO DO ANTICRISTO

De acordo com a perspectiva bíblica, o “*espírito do anticristo*” não se refere a uma figura futura, mas já atua no mundo por meio de ideias, sistemas e pessoas que se opõem à verdade e à autoridade de Cristo. O apóstolo João afirma: “*Todo espírito que não confessa a Jesus não é de Deus; mas é o espírito do anticristo, do qual já ouvistes que há de vir, e agora já está no mundo*” (1 João 4:3).

Esse espírito - que tem origem satânica e caráter de negação, engano e destruição - manifesta-se nas instituições humanas e nas estruturas de poder que perpetuam a injustiça, a idolatria e a distorção da verdade. Atua nas áreas centrais da sociedade: política, economia, cultura, mídia e religião, buscando substituir Cristo por ideologias humanistas ou contrárias à fé cristã.

Há pessoas influenciadas por esse espírito:

- **Na política**, usam o poder para promover corrupção, controle absoluto e perseguição à fé bíblica.
- **Na economia**, fortalecem sistemas de dominação baseados na ganância, exclusão e dependência global - preparando terreno para o controle total descrito em **Apocalipse 13**.
- **Na cultura e mídia**, são criadas narrativas que promovem valores relativistas, negam verdades absolutas e exaltam o ego humano, além de difundirem ativamente diversas ideologias políticas.
- **Na religião**, fomentam falsos evangelhos e espiritualidades que negam a divindade de Cristo e Sua exclusividade como Salvador.

O espírito do anticristo, portanto, opera através de pessoas e instituições que conscientemente ou não se tornam instrumentos de oposição a Deus, substituindo a centralidade de Cristo por ídolos modernos como o poder, o dinheiro, o prazer e a falsa liberdade. Trata-se de uma influência global que aparenta progresso e paz, mas conduz ao engano e à escravidão espiritual.

CITAÇÕES DAS MENSAGENS DA PALAVRA VIVA: “A AMEAÇA INTERNA” E “VIOLENTA PROCLAMAÇÃO”

Está vindo cada vez mais liberdade para o povo de Deus a cada dia. Um remanescente está avançando. Eles deixaram as trincheiras e não estão procurando entrincheira-se de novo. Eles não procuram um abrigo onde esperar ansiosamente os dias adiante. Em vez disso tomam o papel agressivo e **derrubam fortalezas**. As suas armas são poderosas através de Deus para derrubar fortalezas e trazer todo pensamento e imaginação do coração humano cativo a Cristo (2 Coríntios 10:4, 5). Há autoridade por trás da Palavra. Posicione-se na vitória completa e absoluta do Senhor Jesus Cristo. Determine ter essa vitória sem qualquer dúvida. Determine-se a perseguir implacavelmente tudo que o inimigo lhe atira. Ele vem contra você por um caminho, mas fugirá por sete outros (Deuteronômio 28:25). **Persiga-o por sete caminhos**. Derrote-o quando ele vier contra você e destrua o espírito de nefilim. Depois persiga-o.

Persiga o inimigo na **esfera da POLÍTICA e do GOVERNO** e derrube-o ali. Persiga-o na **esfera das CIÊNCIAS** e derrube-o ali. Persiga-o na **esfera das ARTES, da pornografia** e derrube-o ali. Toda arrogância será perseguida e destruída. Todo lugar onde Satanás plantou seus nefilins será destruído. Por este juízo, o Reino vem”.

Tudo na América está se tornando autodestrutivo. Precisamos fazer algo contra este espírito de autodestruição que teve sua origem diretamente no coração de Satanás. Os **telejornais** e os **noticiários impressos** são escritos por um espírito nascido de Satanás para destruir e amedrontar o povo produzindo **MEDO**. Os jornais não são vendidos a não ser que apresentem uma boa dose da forma bizarra e grotesca com que Satanás apresenta os fatos. Ninguém fala sobre as coisas maravilhosas que têm acontecido no Reino de Deus. Não há interesse em divulgar que centenas de pessoas têm se libertado das drogas e deixado o pecado para viver para Deus. Satanás está tornando a América autodestrutiva. Precisamos nos levantar e clamar ao Senhor para que Ele crie ouvidos para ouvir a Palavra de Deus.

As Américas estão tão inundadas de propaganda que é difícil para um coração aberto encontrar a verdade. **Nestes dias de engano, não se pode ter nenhuma confiança em jornais, revistas, rádio, televisão, etc.**

Comunicadores e Jornalistas são vistos como servidores de causa própria e manipuladores. Mas ainda assim, a mídia eletrônica e impressa são cruciais no modelar da sociedade. **Precisamos de cristãos para trazer a verdade para esta esfera da COMUNICAÇÃO.** Devemos comunicar as Boas Novas, coisas boas e edificantes. Mesmo notícias ruins, de desastres, acidentes, mortes e conflitos, devem ser veiculadas com parcialidade e espírito reto.

Rai 
Barreto

www.RaiBarreto.com.br

contato@raibarreto.com.br